

A Vacuidade Intelectual da Velha Direita

por Alain de Benoist

Legio Victrix - 22 de janeiro de 2014

A Direita nunca foi apreciadora de intelectuais. Não é de admirar, então, que a expressão “intelectual de esquerda” tem sido, por muito tempo, uma tautologia. Para muitas pessoas da Direita, os intelectuais são simplesmente insuportáveis. Eles os visualizam sentados em espreguiçadeiras, é claro, e os vê como “tipos hipócritas” que sodomizam moscas, dividem o cabelo e publicam livros, invariavelmente descritos como “indigestos” e “chatos”.

Essa idéia pode ser encontrada em diferentes backgrounds. Para os libertários, os intelectuais são inevitavelmente “desconectados da realidade”. Para os ativistas, intelectuais tergiversam enquanto estamos diante de um “estado de emergência”, exigindo ação.

Já ouvi coisas como esta a minha vida inteira. De fato, há um lado positivo nesta atitude. Direitistas mostram uma preocupação real para fatos concretos, uma verdadeira desconfiança de abstrações inúteis ou intelecto puro, um desejo de afirmar a primazia da alma sobre o espírito, do orgânico sobre a “secura” teórico, a esperança (sempre desiludida) para voltar a uma vida mais simples, etc.

A Direita é mais sensível às qualidades humanas do que à capacidade intelectual. Ela gosta de admirar mais do que de entender. Ela pede exemplos mais do que aulas. Ela gosta de estilo, gesto e brio. E nisso não está errada em fazê-lo. A sociedade inteiramente composta de intelectuais seria insuportável.

Mas o problema é que quando essa atitude é sistematizada, pois leva a evitar qualquer doutrina, a rejeição de qualquer obra da mente.

O intelectual pode ser definido como a pessoa que tenta compreender e fazer os outros entenderem. A Direita, muitas vezes, não tenta entender mais. Ele ignora o que o trabalho da mente pode realizar. O resultado é que a cultura de Direita tem hoje quase que totalmente desaparecido. Ela só sobrevive em círculos restritos, editoras marginais e jornais que apenas direitistas acreditam que são jornais reais. O ostracismo que sofreu não é o único fator para isso.

Tal só pode ser atingido na forma como a Direita perdeu o hábito de intervir nos debates intelectuais. Se tomarmos os cem livros que foram mais discutidos do último meio século, percebe-se que a Direita não publicou uma única crítica destes. Não interessa a Direita ou lhe dizem respeito. A Direita é desinteressada em qualquer autor fora de seus marcos. Não quer discutir ou refutar qualquer um deles.

Sobre a dialética da modernidade, a evolução da dimensão social, as forças por trás a lógica mercantil, o imaginário simbólico, a Direita não tem nada a dizer. Por que pensar, então, que teria sido incapaz de formular uma crítica à tecnociência, uma teoria do localismo ou de conexão social, uma filosofia da ecologia, ou uma antropologia própria? É simplesmente incapaz de fazer isso. Sempre houve centenas de debates teóricos na Esquerda, alguns insignificantes, outros

muito profundos. Quem pode citar um único debate intelectual que marcou a história da Direita no último meio século? À Direita, na medida em que o pensamento está em causa, se assemelha as estepes tártaras ou a um sinal retilíneo no encefalograma.

A maioria das pessoas da direita substituem idéias por convicções. As idéias podem, naturalmente, gerar convicções, e as convicções resultam de idéias, mas os dois termos são coisas diferentes. Convicções são coisas nas quais se acredita e que, pelo fato de serem objetos de uma crença, não podem sofrer qualquer exame crítico. Convicções são um substituto existencial para a fé. Elas ajudam a viver sem a necessidade de questionar a sua estrutura lógica, o seu valor em relação a vários contextos, ou as suas limitações. Na Direita as pessoas fazem ser uma questão de honra defenderem suas convicções como em um estudo da Bíblia.

A Direita gosta de respostas mais do que de perguntas, especialmente se estas são respostas prontas que renunciam à necessidade de uma perspectiva filosófica, como se não se pudesse filosofar quando a resposta é preconcebida. O trabalho da mente requer a aprendizagem dos próprios erros. A atitude da Direita é o bastante para evitar considerar seus erros e, assim, nunca tenta corrigi-los, a fim de ir mais longe, daí a ausência de autocrítica e debate. A autocrítica é vista como uma fraqueza, uma concessão inútil, se não uma traição. Na Direita as pessoas se gabam de que “não lamentam nada”, incluindo os erros que fizeram. O debate, por implicar uma contradição, uma troca de argumentos, é geralmente visto como uma agressão, como algo que não se faz.

O homem da Direita prossegue com entusiasmo ou indignação, com admiração ou repulsa, mas não com a reflexão. Ao contrário, ele é reativo, daí a sua reação emocional quase sempre a eventos. O que é surpreendente é a sua maneira ingênua, se não pueril de reagir, de sempre contentar-se com a camada superior das coisas, com a anedota das notícias, de tomar um ponto de vista estreito em tudo, sem nunca ir profundamente nas causas. Quando você mostra-lhes a Lua, muitos da direita olham para o seu dedo. A História então se torna incompreensível – o que está fazendo na Terra a Providência? – Mesmo os direitistas constantemente se referem a ela. Daí as teorias da conspiração simplistas, que podem levar a absurdos reais, não faltam. Os problemas sociais são sempre explicados por manipulações obscuras de uma “conspiração oculta”, uma “aliança negra”, etc.

Como a Direita é muito pouco interessada em idéias, ela tende a trazer todo foco para as pessoas. Movimentos políticos de Direita estão, em primeiro lugar, associados com seus fundadores, e raramente sobrevivem a eles. Brigas de direita são brigas, principalmente, de indivíduos, com basicamente as mesmas fofocas e as mesmas acusações caluniosas. Da mesma forma, seus inimigos nunca são sistemas ou idéias, mesmo genuínas, mas categorias humanas apresentadas como bodes expiatórios (judeus, “metecos”, “banqueiros”, maçons, estrangeiros, “trotskistas”, imigrantes, etc.). A Direita tem dificuldade em apreender um sistema desprovido de um assunto: os efeitos sistêmicos da lógica do Capital, as limitações de estrutura, a gênese do individualismo, a importância vital das ameaças ambientais, as forças desencadeadas pela tecnologia, etc. A Direita não entende que os homens têm de ser combatidos, não por aquilo que são, mas na medida em que encarnam e defendem os sistemas nocivos de pensamento ou valores. Por preferir jogar sobre os indivíduos, por não gostarem do que são, a Direita vira para a xenofobia ou algo ainda pior.

A Direita tem sido a grande derrotada da história. Praticamente perdeu todas as lutas nas quais se

envolveu. A história dos últimos dois séculos, para a Direita, tem sido uma de derrota contínua. Essa sucessão de falhas sugere que a superioridade de seus adversários se baseia apenas nas próprias fraquezas da Direita.

No início, o que era o melhor que a Direita tinha a oferecer? Eu brevemente digo: um sistema anti-individualista e anti-utilitarista de pensamento, juntamente com uma ética de honra, herdada do Ancien Régime. Assim, ela se opunha frontalmente à ideologia do Iluminismo, cujas forças de condução eram o individualismo, o racionalismo, os interesses individuais auto-evidentes e a crença no progresso. Os valores que a direita reivindicava eram aristocráticos e populares ao mesmo tempo. Sua missão histórica era cumprir a união natural da aristocracia e do povo contra o inimigo comum: a burguesia, cujos valores de classe foram, precisamente, legitimados pelo pensamento iluminista. Mas esta união foi cumprida apenas por períodos muito curtos.

Para a Direita, o homem é naturalmente social. No entanto, nunca forjou sua própria teoria consistente para explicar a comunidade ou conexão social. Tampouco explorou seriamente uma oposição aos tipos liberais ideais, do indivíduo autônomo e do “homem social”. Também nunca foi capaz de formular uma doutrina econômica genuinamente alternativa ao sistema mercantil.

Em vez de apoiar o movimento dos trabalhadores e do socialismo nascente, o que representou uma reação saudável contra o individualismo que a direita também estava criticando, muitas vezes defendeu a exploração humana mais terrível e as desigualdades políticas mais injustificáveis. Ela tomou o partido dos ricos, objetivamente participando da luta de classe da burguesia contra os pretensos “distribuidores” e as “classes perigosas”.

Houveram exceções, embora raras. Teóricos da Direita foram mais frequentemente liderados pelas suas audiências do que líderes destas. Defendendo a nação, a Direita raramente entendeu que a nação é, acima de tudo, as pessoas. Ele esqueceu a complementaridade natural dos valores aristocráticos e populares. Quando o direito dos trabalhadores a uma pausa para férias anual foi aprovada em lei, a Direita protestou contra a “cultura de férias”. É sempre preferível ordem à justiça, sem entender que a injustiça é uma forma suprema de desordem, e que a própria ordem é muitas vezes nada além do que uma desordem estabelecida.

A Direita poderia ter desenvolvido uma filosofia da história fundada sobre a diversidade cultural e a necessidade de reconhecer o seu valor universal, que a levariam a apoiar as lutas em favor da autonomia e da liberdade do Terceiro Mundo, cujos povos foram as primeiras vítimas da ideologia do progresso. Em vez disso, a Direita acabou defendendo o colonialismo que tinha uma vez condenado, enquanto reclama que estão sendo colonizados por sua vez.

A Direita se esqueceu de que o seu único verdadeiro inimigo é o dinheiro. Deveria ter considerado tudo se opusesse ao sistema do dinheiro como seu aliado objetivo. Em vez disso, gradualmente se juntou ao outro lado. A Direita estava melhor equipada do que qualquer outra força para reformular os valores anti-utilitaristas de generosidade e abnegação, e para defendê-los. Mas, pouco a pouco, a Direita aderiu à lógica do interesse e defesa do mercado. Ao mesmo tempo, caiu em linha com o militarismo e o nacionalismo, que nada mais é que o individualismo coletivo, algo que os primeiros contra-revolucionários tinham condenado como tal.

Nacionalismo levou a Direita à metafísica da subjetividade, esta doença do espírito,

sistematizada pelos Modernos. Isto alienou a Direita da noção de verdade. Deveria ter sido o partido da generosidade, da “common decency”, das “comunidades orgânicas”, mas, muitas vezes, se tornou o partido da exclusão, do egoísmo coletivo e do ressentimento. Em suma, a Direita traiu a si mesma quando começou a aceitar o individualismo, o estilo de vida burguês, a lógica do dinheiro e o modelo do mercado.

O socialismo cristão, ocasionalmente, desempenhou um papel útil, mas caiu principalmente sob o paternalismo. As conquistas sociais dos “fascismos” foram desacreditadas pelo seu autoritarismo, seu militarismo e seu nacionalismo agressivo. O corporativismo levou a nada. O sindicalismo revolucionário foi morto pelo “compromisso fordista”, que resultou na integração das partes cada vez maiores da classe trabalhadora na classe média burguesa. Mais importante, este tipo de preocupação nunca foi associado a uma análise profunda do Capital. A condenação do “Big Money” é insignificante quando se abstém de analisar a própria natureza do dinheiro e do impacto antropológico de um sistema de mercado generalizado, com a reificação das relações sociais e seus efeitos de alienação.

Quanto à “Direita Monárquica” não cessou marginalizar-se e definhar. Cada vez mais esquecido do seu próprio passado, todo o seu sistema implícito de pensamento pode ser resumido em uma única frase: “Foi melhor antes” – se este “antes” refere-se aos anos trinta, ao Ancien Régime, ao Renascimento, à Idade Média ou à História Antiga.

Esta convicção, mesmo quando é ocasionalmente correta, nutre uma atitude que é ou restauracionista, que a condena ao fracasso, ou puramente nostálgica. Em cada caso, a “Direita Monárquica” contenta-se em opor ao mundo real um passado idealizado e fantasias: a fantasia da origem, a fantasia de uma época passada e a nostalgia irreprimível de uma matriz original, revelando a incapacidade de atingir a idade adulta.

O objetivo é tentar conservar, preservar, atrasar, ou deter o curso dos acontecimentos, sem consciência clara da seqüência histórica inevitável dos acontecimentos. A grande esperança é reproduzir o passado, ir para trás, para o tempo em que tudo era muito melhor. Mas, como é obviamente impossível, a “Direita Monárquica” contenta-se com uma atitude ética, a fim de fazer uma declaração. Politicamente, esta “Direita Monárquica” não tem mais seu próprio telos a cumprir, pois todos os seus modelos pertencem ao passado. Ela chegou a um ponto em que ainda não sabe claramente o tipo de regime político que gostaria de estabelecer.

A História torna-se um esconderijo: idealizada, reconstruída de forma seletiva e mais ou menos fantástica. A história fornece a sensação reconfortante de ter uma “herança” estável, que servem para dar exemplos significativos que a Direita pode opor aos horrores da atualidade. A História é suposta a “dar lições”, embora nunca se saiba exatamente o que é isto. A Direita não entendeu que a História, a quem reverencia tanto, também pode ser incapacitante. Quando Nietzsche diz que “o futuro pertence àqueles com a memória mais longa”, o que ele quer dizer é que a Modernidade será tão sobrecarregada pela memória que vai tornar-se impotente. É por isso que ele chama para a “inocência de um novo começo”, o que implica, em parte, o esquecimento. As pessoas nunca têm uma maior fome para a história do que quando eles são incapazes de fazê-la, e quando a história se passa sem eles ou contra eles.

Hostil a inovação, a “Direita Monárquica” é incapaz de analisar as situações invisíveis do futuro com as suas ferramentas conceituais obsoletas. Ela julga tudo de acordo com o mundo que uma

vez conhecia, que lhe era familiar e, assim, reconfortante, confunde o fim deste seu mundo com o fim do mundo real. Ela enfrenta o futuro com o olho no espelho retrovisor. A Direita é incapaz de analisar os eventos históricos, dar um passo atrás e examinar as conseqüências causais distantes. Não pode estabelecer a genealogia dos fenômenos que lamenta, nem detectar as falhas da pós-modernidade. Ele não consegue mais entender nada no mundo atual, a evolução daquilo que rejeita como uma “decadência” sem fim.

O fato de que tem sido constantemente vencida, muitas vezes, provoca uma mistura peculiar de ironia meticulosa, escárnio enfático, amargura e risadinha conivente, tão típica do longo lamento reacionário. Ela também apresenta o lema apocalíptico medíocre “Estamos condenados!”. Com essa visão, estamos sempre em “estado de emergência”, é sempre “um minuto para a meia-noite”. Diante das “catástrofes” que enfrentamos, estamos esperando por uma “onda”, um “despertar”, a “maioria silenciosa”, o “país real” está sendo convocado. Mas tudo isso já havia sido dito em 1895. Durante todo esse tempo, a história tem, no entanto, continuado.

A característica mais marcante da “Direito Monárquica” é um narcisismo político e moral, fundada em uma visão de mundo imutável, com dois lados (nós o bem, eles o mal), que é uma simples projeção de uma linha de falha dentro de qualquer um de nós. Esta dicotomia de “nós contra os Outros”, dado como o fator que explica tudo, vem realmente sob esta metafísica da subjetividade que já mencionei, que legitima todas as formas de egoísmo e de exclusão. A Direita fala muito sobre defender a sua “identidade”, mas que, geralmente, tem dificuldade em a definir. Na maioria das vezes, a sua identidade é sobre não ser o que condena. É a existência de seus inimigos que define própria existência da direita, a existência negativa, a contrario. A marginalização da Direita alimenta uma mentalidade obsidional, que por sua vez aguça a sua rejeição do Outro. Há algo dos Cátaros neste obsidionalismo: o mundo é ruim, vamos fechar as fileiras do “último quadrado”. Os títulos dos seus livros de cabeceira também dizem: pelo maldito, os hereges, os réprobos, os nostálgicos, O acampamento dos Santos, em suma, o Último dos Moicanos. Em um mundo de tribos, para os quais não tem simpatia, a “Direita Monárquica” não é nada mais do que uma tribo de sobreviventes, que vive em convivência e isolamento. Ela tem ritos e senhas próprias, slogans e ressentimento, e todos os dias se vê sendo cada vez mais isolados de um mundo “de fora” que rejeita e demoniza, sem possibilidade de mudar o curso dos acontecimentos. O que resta para ela é para comemorar suas próprias derrotas, que ela faz com tanta perseverança que somos forçados a nos perguntarmos se ela secretamente cultiva estas derrotas, como se as derrotas fossem sempre mais “heróicas” do que vitórias.

A Direita nunca deu prioridade à luta contra o sistema do dinheiro, que era o seu principal inimigo. Primeiro ele lutou contra a República em um momento em que se tornou óbvio que uma monarquia de direito divino nunca voltaria. Depois de 1871, a Direita se dedicou à condenação dos “Boches” (e até mesmo dos “judaico-boches”), o que a levou, em nome da “União Sagrada”, a legitimar a carnificina atroz de 1914-18, que gerou todos os horrores do século 20. No rescaldo da Primeira Guerra Mundial, ele comprometeu-se na luta contra o comunismo e sua “selvageria pagã” (como o marechal Pétain expressava-a). Na época da Guerra Fria, com medo deste mesmo comunismo, que ela deveria ter considerado como um rival e não como um inimigo, a Direita ficou do lado do “mundo livre”, dando assim a sua bênção para a hegemonia norte-americana, o poder da burguesia e da supremacia mundial do liberalismo predatório – como se os horrores do Gulag justificassem as abominações do sistema mercantil. Isso levou a Direito a apoiar o “atlantismo”, para aprovar a matança do povo vietnamita, para mostrar solidariedade com as

ditaduras mais patéticas, dos coronéis gregos e dos generais argentinos a Pinochet e seus “Chicago Boys”, para não mencionar os torturadores da Operação Condor, especializada em assassinatos de “Subversivos”, que estavam em sua maioria, apenas pedindo mais justiça social. Quando o sistema soviético entrou em colapso, tornando a globalização possível, caiu sobre os imigrantes, providencialmente, o papel legal da “ameaça”. Confundindo imigrantes com o Islã, o Islã com o islamismo, eventualmente, o islamismo com o terrorismo, agora faz isso novamente com a islamofobia, uma abordagem verdadeiramente suicida e, o que é mais, absolutamente inconsistente do ponto de vista geopolítico.

A “Direita Monárquica”, no final do dia, é fundamentalmente apolítica. A própria essência da Política é estranho para ela. Na verdade, confunde política com ética, da mesma forma que a Esquerda confunde política com a moral. A Direita acredita que a Política é uma questão de honra, de coragem, de virtudes, do sacrifício, de heroísmo, isto é, no melhor dos casos, de qualidades militares. Ela vê a política como a continuação da guerra por outros meios, que inverte totalmente o aforismo de Clausewitz. Ela não entende que a política é apenas uma ocupação, uma arte, algo que tem por objetivo definir cuidadosamente o melhor, mas não a modo ideal de servir o bem comum – um bem, por sinal, que não pode simplesmente ser repartido. Ela não entende que a política é uma forma de arbitrar entre as aspirações contraditórias decorrentes da natureza humana, para arbitrar entre as necessidades de convivência cívica e as necessidades de auto-interesse.

Quanto a mim, faz mais de um quarto de século desde que parei de me considerar pertencente a qualquer família da Direita e que eu parei de mostrar solidariedade com ela. Não há nenhum mistério aqui: já o disse e escrevi muitas vezes. Mas apesar disto, não considero que a Direita seja um assunto desinteressante. Nem penso que seja um assunto desprezível. Quando eu a critico – e eu sempre hesito antes de criticá-la, tanto porque não é apropriado atirar em um alvo tão fácil e por não querer me envolver com o movimento – sou forçado a generalizar, e quando se generaliza, sempre se corre o risco de ser injusto. Mas eu não ignoro seus méritos. Da mesma forma que as suas qualidades têm defeitos, suas falhas também têm qualidades. Em muitas ocasiões, a Direita era (e continua sendo) admirável por sua coragem, sua persistência e seu espírito de sacrifício. Todas essas qualidades, mas têm conseguido resultados tão escassos!

Vou acrescentar que eu não me reconheço como pertencente a qualquer família da Esquerda, que me poupa do desejo de querer ser “admitido”. Pode-se, sem dúvida, definir-me como alguém da extra-esquerda da extrema-direita ou um homem que tem idéias de esquerda e valores de direita. Isto me permite concordar igualmente bem com os homens de esquerda e com os homens de direita cada vez que eles afirmam idéias que considero justas. Mas, na verdade, eu não me importo com rótulos faz um bom tempo.

Eu me importo tanto menos, já que a dupla Esquerda-Direita fica cada vez mais ineficaz como uma ferramenta analítica. O que é uma “posição da extrema-direita” sobre a ocupação americana do Iraque, e qual é a da “extrema-esquerda”? Não há simplesmente nenhuma: tanto no lado da Esquerda quanto no lado da Direita, esta ocupação tem opositores e apoiantes. É o mesmo para todos os problemas do nosso tempo: a integração Europeia, geopolítica, ecologia, a vinda da crise do petróleo, etc. A única coisa que importa é o que as pessoas pensam de uma questão precisa, não importa como eles se posicionam (ou se recusar a) no espectro político tradicional.